



Boletim Mensal Informativo

Nossa Senhora da Penha de França

fevereiro 2022, nº10

CARTA DE DON MANUEL CLEMENTE

Três anos depois e ano e meio pela frente!

Três anos depois da indicação de Lisboa para local da próxima Jornada Mundial da Juventude, temos antes de mais de agradecer ao Papa Francisco por ter feito tal escolha. O grande aplauso que coroou o anúncio, quando foi feito no final da Jornada do Panamá, em janeiro de 2019, ainda ecoa nos que o ouvimos como incentivo à grande realização já em curso.

Neste momento já está completo e ativo o quadro geral da preparação da JMJ Lisboa 2023. Das paróquias às vigararias, das vigararias às dioceses e de todas estas ao COL, são milhares de jovens os que pelo país inteiro se integram ativamente, neste caminho também ele sinodal. Como Maria, também partimos já e apressadamente para o grande encontro que faremos.

O que se passa mensalmente em cada dia 23, comunidade a comunidade, o que vai acontecendo com a passagem da Cruz e do Ícone de Nossa Senhora pelas dioceses, a dinamização da pastoral juvenil que tudo isto incentiva, tudo isto e muito mais é a JMJ em ação. A próxima instalação da sede da JMJ em instalações amplas e mais propícias ao encontro de organizadores e voluntários, a colaboração mais intensa dos organismos autárquicos e públicos e a crescente informação sobre o que se faz e planeia para o próximo ano e meio, tudo vai fazendo da Jornada um grande motivo e incentivo para os jovens de aquém e além-fronteiras.

O hino já é cantado em muitas línguas nos vários continentes. As notícias circulam crescentemente nos media e nas redes. Como tudo o que é autenticamente cristão, a oração intensifica-se e garante que a JMJ será realmente o que Deus quer. Os padroeiros, tanto os geralmente conhecidos, como os que nasceram em Lisboa e subiram aos altares, estão realmente connosco e garantem que é possível fazer desses dias de agosto de 2023 a grande ocasião de encontro e relançamento evangélico da juventude mundial.

Prossigamos, pois, criando o futuro!

Convosco,
+ Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca de Lisboa



A FELICIDADE



Em rigor, dificilmente posso dizer que sou feliz. Mas digo muitas vezes, sem hesitar, que estou feliz, porque a minha felicidade tem sido construída de momentos. Dizer que a minha vida é feliz será então uma questão de mera estatística psicológica, porque a memória dos momentos felizes predomina, tornando-a globalmente feliz. Eventualmente, porque tenho tido a possibilidade de me abstrair, ou esquecer rapidamente os momentos de tristeza e infelicidade e, por isso, apenas retive na memória os outros, que deixaram a sensação de felicidade. Resta saber se esta atitude selectiva é uma graça que me preserva, ou se é mais um dos meus muitos egoísmos.

Jesus também foi globalmente feliz porque a Sua felicidade também foi conquistada a partir de momentos. A evidenciar isto, note-se que Jesus chorou a morte de Lázaro, seu amigo (Jo 11, 32-36); chorou pelos pecados da humanidade, quando viu Jerusalém (Lc 19, 41); chorou lágrimas de sangue, no Getsémani e muitos outros momentos deve ter tido, ao longo da sua vida, em que se viu inundado de tristeza, justificando a referência que São Paulo faz, na Carta aos Hebreus (Heb 5,7) *“Foi Jesus que, nos dias da Sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte. E foi atendido por causa da Sua submissão”*. Jesus fez a vontade do Pai, na Sua Paixão, e sentiu a infelicidade extrema, como atesta o evangelho (Mc 14, 35-35).

Entender as causas da infelicidade é um exercício de simples dedução e nem carece de fé, de tão óbvio que é: a ausência de perdão, a injustiça, a violência, a arrogância, a indiferença, a injúria, a impureza, em suma, o pecado. De notar, contudo, que a causa da infelicidade de Jesus é muito diferente da minha, porque n’Ele, é-Lhe exclusivamente externa, enquanto no meu triste caso, são os meus pecados e o dos outros, que também me afectam.

Jesus não deixou nada ao acaso e por isso deu nove pistas para me ajudar a encontrar o caminho da felicidade, que é o mesmo que dizer, o caminho para Deus. Essencialmente é não pecar! O objectivo – difícil - é cumpri-las todas e podem ser encontradas em Mt 5, 3-12, com o título de Bem Aventuranças. Repare-se que cada uma delas (o leitor fará o favor de as ler no Evangelho) traz uma recompensa que leva à felicidade - Bem aventurados ... porque deles é o Reino de Deus; ... porque possuirão a terra; ... porque serão consolados; ... porque serão saciados; ... porque alcançarão misericórdia; ... porque verão a Deus; ... porque serão chamados filhos de Deus; ... porque é grande nos céus a vossa recompensa.

Mesmo estando longe de conseguir cumprir uma daquelas pistas, a realidade é que Deus vai enchendo a minha alma, de tal modo que sinto a felicidade do O ter perto e relativizo o que de triste me envolve. A felicidade plena só vai ser alcançada quando estiver unido a Deus, fonte de toda a felicidade. Por isso, durante a vida, quanto mais próximo estiver de Deus, maior a possibilidade de ser feliz, não obstante tanta tristeza que me rodeia e mesmo sabendo que é possível estar infeliz, ao fazer a vontade de Deus. Ou seja, a conquista da felicidade faz parte do caminho para Deus e é alcançada, pacientemente, em cada dia.

Por Luís M Barosa

SABERMO-NOS CAMINHANTES



O caminhar pela vida traz, em todos os momentos, um arriscar perante o mistério do que nos espera, bem como do mistério daquilo que somos.

Quando nos arriscamos a caminhar verdadeiramente pela vida apercebemo-nos que ela não se realiza no centro dos nossos desejos, mas na partilha e na comunhão daqueles que, como nós, também caminham perante as suas incertezas. Numa convivência que ganha sentido quando despida de superioridades, julgamentos ou ambições.

Saber-mo-nos caminhantes não nos diminui, mas coloca-nos, antes de mais, na certeza de que nos

igualamos na diferença. E que a beleza se revela exatamente nesta possibilidade de nos intercetarmos com todas as nossas idiossincrasias.

Viver isto no dia-a-dia é desafiante e pode, inclusive, levar-nos a um sério questionamento sobre o que queremos, o que fazemos e o que procuramos. Mas arriscar nesta vivência de dirigir o nosso olhar para um todo e não somente para o nosso umbigo cheio de certezas ou de moralismos dar-nos-á a oportunidade de podermos ser mais. Mais humanos. Mais empáticos. Mais sensíveis. Mais presentes.

Saber-mo-nos caminhantes. Todos e todas. E, desta forma, fazemos caminho que nos liberta, que nos cura e que nos renova. Saber-mo-nos caminhantes para que ninguém fique para trás.

Hoje, antes de seguires solitariamente o caminho da tua vida, pergunta-te: quantos é que deixaste para trás? Quantos?

*Fonte: Imissio
Por Emanuel António Dias*

À CONVERSA COM...



Cristina Brissos tem 53 anos, e esteve sempre ligada à Paróquia através da música. É organista no coro de domingo e presta também auxílio no coro da catequese. Aqui se batizou e recebeu o sacramento do Crisma. Mais tarde, casou-se e batizou o seu filho Alexandre nesta mesma paróquia.

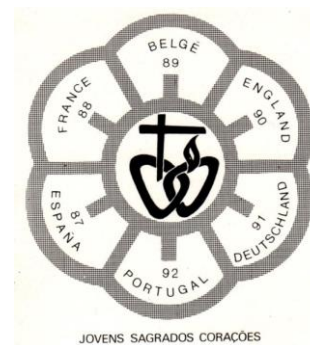
As referências de espiritualidade cristã chegaram até à Cristina através dos avós. O avô paterno, enquanto jovem, havia sido acólito na capela do palacete que integra hoje o Externato Mãe de Deus, na Rua da Penha de França. A avó materna dedicava muito tempo à recitação do Rosário e o avô paterno, apesar de não frequentar a igreja, nunca perdia os programas de rádio com os ensinamentos do Padre Dâmaso (1930-2018), ao som dos quais se deixava dormir à noite.

A grande referência foi a mãe Manuela Brissos, atual leitora na Paróquia e Guia das Oficinas de Oração e Vida, que conduzia as filhas à catequese e as tinha inscrito numa professora de música particular de piano que morava ao lado da Igreja de São João Evangelista, conhecida como Dona Zezinha.

Cristina foi desenvolvendo a sua formação musical na Academia de Amadores de Música e posteriormente, no Conservatório de Música de Lisboa. Em 1998,

licenciou-se em Ciências Musicais tendo-se dedicado, mais recentemente, ao estudo da Flauta Transversal. Mas foi na juventude que o seu dom musical mais se desenvolveu, através dos grupos de jovens da paróquia. Foi a sua madrinha de Crisma, uma Irmã espanhola dos Sagrados Corações de seu nome Goyi, que a ajudou a comprar uma guitarra em Madrid. Todos os anos, no Verão, o grupo de jovens viajava por um país diferente e aí, Cristina juntava-se a outros “Jovens dos Sagrados Corações”, para animar as celebrações e as orações comunitárias diárias. Cristina teve várias referências na música, mas as maiores foram duas Irmãs: a Irmã Noémia, que foi sua catequista e dirigia o coro das crianças, ao mesmo tempo que tocava no harmónio da igreja, instrumento antigo movido a ar através de foles que se acionavam com um pedal. E a sua madrinha, a Irmã Goyi, que dirigia o “Pré Juvenil 81” sempre com a guitarra à tiracolo.

Foi a música que ajudou Cristina a ultrapassar algumas vicissitudes da sua vida, pois, segundo pensa, o canto litúrgico pode levar-nos muito próximo de Deus: “Quando cantamos elevamos o espírito a um nível mais alto, a nossa alma acalma-se e a mente aquieta-se. E esta predisposição é benéfica para o encontro íntimo com Deus”.



Por Carla Carreira

NOSSA SENHORA DE LOURDES



11 de fevereiro de 1858

Para lançar a sua mensagem de oração e caridade ao mundo, Nossa Senhora escolheu Bernadete, uma pastora de 14 anos.

Fazia muito frio, naquele dia, em Lourdes. Então a jovem Bernadete, com sua irmã e uma amiga, foi apanhar lenha nas proximidades da gruta de Massabielle. Ficando para trás, sentiu, de repente, uma ventania, que, porém, não balançava as árvores. Depois, viu uma grande luz, em meio à qual estava a figura cândida de uma jovem mulher, vestida de branco com uma facha azul na cintura. Aquela Senhora não falou com ela, mas lhe ensinou a fazer corretamente o sinal da cruz e, juntas, em silêncio, rezaram o Terço. No final da oração, a visão desapareceu.

Três dias depois, em 14 de fevereiro, Bernadete sentiu um desejo irresistível de voltar à gruta, mas levou consigo água benta. Quando a Senhora apareceu, ela tentou aspergi-la. Mas a Virgem ficou inerte e, sorrindo, começou a rezar o Terço novamente com ela.

Era o dia 18 de fevereiro, a primeira vez que a Senhora conversou com Bernadete, fazendo-lhe o seguinte pedido: voltar ali por 15 dias, pedir aos padres para irem àquele lugar em procissão e ali construir uma igreja.

Em 25 de fevereiro, a Senhora pediu a Bernadete para comer erva e escavar um buraco: assim fez e começou a brotar a água da nascente milagrosa, na qual os enfermos ainda hoje se emergem, pedindo a sua cura.

Finalmente, em 25 de março, dia da Anunciação, Nossa Senhora revelou-se, dizendo: "**Eu sou a Imaculada Conceição**"! Bernadete transmitiu esta frase ao pároco. Uma pastora não podia saber que o Dogma da Imaculada Conceição de Maria havia sido proclamado, apenas quatro anos antes, pelo Papa Pio IX.

Maria revelou muitas coisas a Bernadete em suas aparições, mas, sobretudo, propôs a ela e ao mundo o "*Céu e a santidade*", como únicos objetivos da vida terrena, como também a penitência, para eliminar o pecado do mundo.

Ali foi construída uma igreja e, em 1862, com uma Carta Pastoral, o Bispo de Tarbes consagrou Lourdes como Santuário mariano internacional

Fonte: Vatican News
Por Isabel Neves

No mês de fevereiro destacamos as seguintes comemorações:

02/02 - Apresentação do Senhor, Festa

04/02 - São João de Brito

07/02 - Cinco Chagas do Senhor, Festa

11/02 - Nossa Senhora de Lourdes

20/02 - Santos Francisco e Jacinta Marto

22/02 – Cadeira de São Pedro, Apóstolo, Festa

Celebração das missas durante a semana:

Semana:

2ªf – Pd. Albino

3ªf e 6ª f – Pd. Gonzalo

4ªf e 5ª f – Pd. Bartolomeu

Fins de semana:

5, 6, 19 e 20 – Pd Bartolomeu

12, 13, 26 e 27 – Pd Gonzalo